

CORPO, TEATRO E EDUCAÇÃO FÍSICA: QUE JOGO É ESSE?

Adriana Nolibos Baccin¹

RESUMO

Este artigo tem como objetivo produzir aproximações entre o Teatro e a Educação Física, focalizando a educação do corpo, trabalhada através da proposta de jogos expressivos, como o ponto de convergência entre essas duas áreas. Organizo esse em três atos: primeiro, uma breve discussão sobre Cultura, Corpo e Educação Física; no segundo ato, discuto Teatro, Jogo e Corpo; e no terceiro, apresento a construção de uma aproximação do Teatro com a Educação Física, refletida a partir dos Referenciais Curriculares do RS, a fim de trabalharmos mais elementos expressivos para uma educação do e para o corpo, auxiliando no desenvolvimento das práticas corporais.

Palavras-Chave: Educação Física; Teatro; Jogo Expressivo; Educação do Corpo;

ABSTRACT

This article aims to produce similarities between the theater and physical education, focusing on the education of the body, worked through the proposed expressive games, as the point of convergence between these two areas. Organize it into three acts: first, a brief discussion of Culture, Body and Physical Education in the second act, discuss theater, and Body Game, and the third, I present the construction of an approximation of the Theatre with Physical Education, reflected from Curriculum Benchmarks of the RS in order to work more expressive features to an education and to the body, aiding in the development of bodily practices.

Palavras-chave: Physical Education, Theatre, Game Expressive, Education Corps;

¹ Graduada em Educação Física – Licenciatura Plena, pelo Centro de Educação Física e Desportos, na Universidade Federal de Santa Maria; Bacharelado incompleto em Artes Cênicas, no Centro de Artes e Letras, na mesma instituição; Técnica em Teatro (direção teatral) pela Casa da Gávea, Rio de Janeiro/ RJ; Mestranda em Educação pelo Centro de Educação da UFSM.

1. PROSCÊNIO²

“Não quero a faca nem o queijo, quero a fome.” (Adélia Prado).

Acredito que há a necessidade de pensar o *ser humano* na pluralidade de suas dimensões, sejam elas corporais, moleculares, psíquicas, sociais, filosóficas, antropológicas, etc. Para falar então, de um corpo multifacetado, importa-nos pensar esse em relação ao seu entorno, sua cultura e não em uma relação de acomodação ou simplesmente de adaptação, mas sim, transformação e reconstrução no que diz respeito ao corpo que temos/somos. Souza (2000) nos diz que devemos “pensar nesse corpo não geneticamente determinado, mas sim, (re) fabricado constantemente nas culturas que interage”.

Pensando o corpo, como nos traz a Educação Física Escolar, trabalhado através das atividades, brincadeiras, do movimento, da expressão, é caminhar ao encontro da construção da cultura do e sobre esse corpo. Através da forma pela qual o educamos e da metodologia que usamos, da maneira que abordamos questões referentes ao corpo, também o educamos. Soares (2001) nos fala que como lugar visível e como registro verdadeiro da cultura, o corpo e sua gestualidade, são exercícios e objetos de intervenção do poder, delineando o que chamamos de *educação do corpo*.

Ao buscar também apoio na História da Arte, percebo que essa demonstra e trabalha o corpo humano, de uma maneira ou de outra, com maior ou menos intensidade, como nos remete Santaella (2004), no foco da atenção estética dos artistas, tanto no teatro, quanto na dança. Porém, no decorrer do século XX até hoje, o corpo foi deixando de ser apenas uma representação³, um mero conteúdo das artes, e foi se tornando algo a ser

² Parte do palco adiante do cenário, junto à ribalta.

³ Vale salientar que o texto aborda a noção de representação em duas situações distintas. Primeiro, entendemos a representação como um sistema de significação produzido linguisticamente e culturalmente (MEYER, 2000) que produz as noções que construímos acerca dos nossos corpos. É sobre essas representações que me refiro no decorrer do texto, pois são essas que significam, reproduzem e continuam inscrevendo marcas no corpo do/a aluno/a, as quais são fluidas, plurais e modificam-se consoante cada época e lugar em que são produzidas. Já representação em relação ao teatro é sempre uma reconstituição

explorado na sua multiplicidade de aspectos que colocam em evidência a plasticidade e a polimorfismo do corpo humano.

Neste artigo considero o corpo como uma construção histórica, cultural, social, política, repleta de interrogações sobre as múltiplas e diferentes inscrições que o constituem, e desse lugar entendo o corpo como principal ponto de convergência entre o Teatro e a Educação Física. Nesse caminho, pretendo construir aproximações entre essas duas áreas, sugerindo que a dramatização, produzida através do jogo expressivo, apontam novos caminhos para a educação do corpo nas aulas de Educação Física. Tomo como ponto de reflexão e sugestão, os Referenciais Curriculares do Rio Grande do Sul⁴. Aqui, como jogo expressivo trataremos um/o jogo espontâneo, como uma construção muito mais baseada na expressão do corpo, improvisação, criação, do que nos referencial técnicos/bibliográficos do teatro. Tomo essa liberdade, para poder falar de expressão corporal (termo/conteúdo) muito usado na Educação Física, mas com a preocupação dos jogos teatrais (seu entorno, não apenas o corpo na ação expressiva). Dessa forma, Desgranges (2006) nos traz como Jogo Dramático Infantil, que em contextos educacionais, estes jogos não são, portanto, compreendidos como atividade teatral pelo autor, já que não se estabelece uma relação necessariamente entre palco e plateia, ou a preocupação de construção de um discurso cênico.

Tanto a Educação Física como o Teatro, constituem a minha formação acadêmica e atuação profissional e aproximá-las tornou-se para mim um instigante desafio. Ao produzir este estudo, mais um aspecto foi somado à importância deste; a carência de publicações nas áreas que façam as imbricações entre os jogos expressivos e os conteúdos da Educação Física Escolar. Propõe-se aqui, uma reflexão sobre a aproximação entre essas duas áreas, apontando caminhos para construí-la na prática pedagógica, a fim de elaborarmos mais uma, entre as várias possibilidades de trabalhar e discutir a educação do corpo, de maneira multidisciplinar, no contexto escolar.

de alguma coisa: acontecimento passado, personagem histórica, objeto real. Porém, o teatro é a única arte figurativa que só se “presenta” ao espectador uma única vez, mesmo que tome emprestados seus meios de expressão a uma infinidade de sistemas exteriores. (VASCONCELLOS, 1987).

⁴ Referencial Curricular: Lições do Rio Grande- Linguagens, Códigos e suas Tecnologias/ Artes e Educação Física, v. II, 2009.

O artigo está estruturado em três "atos" ⁵. No primeiro, discuto imbricações entre a Cultura, o Corpo e a Educação Física, assim como suas relações com o *educar o corpo* nas aulas de Educação Física Escolar. No segundo momento, proponho-me a pensar que relações o teatro pode trazer, juntamente à educação do corpo, em suas múltiplas construções, e por fim, no terceiro ato, construí alguns diálogos entre a Educação Física Escolar e o Teatro, tratado aqui, como jogos expressivos. Tomarei como um dos pontos de discussão, como já comentado, os Referenciais Curriculares do Rio Grande do Sul, a fim de que refletir acerca da inserção dos jogos expressivos, e as possíveis intervenções no desenvolvimento dos conteúdos que devem ser trabalhados nas aulas de Educação Física.

2. "1º ATO": CULTURA, CORPO E EDUCAÇÃO FÍSICA - O jogo ainda não começou⁶...

Ao falar em Educação, principalmente nos caminhos percorridos hoje, não há como desassociar da cultura na qual estamos inseridos. A cultura pode ser considerada como um conjunto de sistemas simbólicos, como sugere Cuche (1999). Esses sistemas buscam exprimir certos aspectos da realidade física e social que temos uns com os outros. Está na natureza do/a homem/mulher a necessidade de viver em sociedade, mas a organização da vida social depende da Cultura e das regras sociais que serão construídas a partir de um determinado grupo social.

Nesse sentido, o corpo, como afirma Daolio (2001), “representa justamente a indissociabilidade entre a natureza e cultura”. Se por um lado existe um patrimônio biológico universal, que torna todos os humanos membros de uma mesma espécie, por outro, há construções corporais diferentes entre as sociedades. A definição de corpo, não depende de suas características biológicas, mas de sua especificidade cultural.

⁵ Ato – Divisão da peça teatral, dotada de uma determinada autonomia quanto à ação, tempo, espaço, estrutura da intriga ou ação da (s) personagem (ns), que lhe confere uma certa unidade relativamente ao todo do texto em que se insere. Ato (teatro). In Infopédia [em linha]. Porto: Porto Editora, 2003-2011. [consult. 2011-09-17]. Disponível na www: <URL: [http://www.infopedia.pt/\\$acto-\(teatro\)>](http://www.infopedia.pt/$acto-(teatro)>).

⁶ O jogo que me refiro são os jogos expressivos, relacionados à dramatização, e esses acredito que ainda não começamos a jogar na Educação Física Escolar.

Goellner (2006) entende o corpo como uma construção provisória e mutável, sujeito às transformações e variações produzidas em sociedade em distintas épocas e lugares. Nesse contexto, desponta à problemática acerca de como educamos e produzimos os corpos e como isso se dá, também dentro da escola, nas aulas de Educação Física. Pois, sabemos que nosso corpo produz imagens, inscreve significados acerca daquilo que somos ou queremos ser, porém podemos reproduzir representações corporais ou redefini-las cultural e socialmente dependendo dos meios e práticas que adotamos. Dessa forma, propostas sobre novas formas de trabalho e de ampliação de conteúdos que venham agregar mais discussões e trabalho de e sobre o corpo, devem ser encaradas cada vez mais, como algo necessário e viável dentro da escola.

Na Educação Física Escolar devem ser trabalhados os mais diversos temas⁷, pois entendemos que essa área é uma prática cultural e que nela também se representam significados de corpo, que vem sendo construídos historicamente. Como nos traz André (2007), possibilitar a construção dos gestos através de uma educação que negue o processo linear, as dicotomias e os determinismos; uma educação pautada em valores que promovam a compreensão e a autonomia; uma educação preocupada com a vida, com o próprio corpo e com o corpo do outro, configurando possibilidades de novas formas de ser, de viver, de movimentar-se.

Propõe-se aqui então, um olhar, em meio a tantos outros, acerca de uma Educação Física voltada à *Educação do Corpo*. Segundo vários/as autores/as, as práticas corporais, que fazem parte do conhecimento, do estudo da Educação Física, no decorrer de décadas, foram elencadas como: as danças, os esportes, as acrobacias, as atividades aquáticas, os exercícios físicos, os jogos motores, as lutas, as práticas corporais introspectivas e as práticas corporais de aventura na natureza. Basta acompanhar como e quais conteúdos são desenvolvidos nas aulas de Educação Física, para vermos o quanto o esporte é o mais contemplado. Falando então, nessa Educação Física Escolar, onde se “educa” o corpo, em grande parte, para o controle e a “domesticação”, sendo usado o

⁷ Os conteúdos da Educação Física, que o *Referencial Curricular do RS 2010* prevê, de forma geral, são as Práticas corporais sistematizadas: esportes, ginástica (acrobacias, exercícios físicos, práticas corporais introspectivas), jogo motor, lutas, práticas corporais expressivas (dança e expressão corporal) e práticas corporais junto à natureza (atividades de aventura e atividades de contemplação) e os Representantes sociais sobre a cultura corporal de movimento: Práticas corporais e sociedade (práticas corporais como manifestações culturais; corpo e sociedade) e as práticas corporais e saúde (implicações orgânicas; implicações socioculturais).

esporte como grande “peça chave” desse controle nada emancipador. Nesse sentido, Araújo & Guerriero (2004) nos dizem que,

“(…) a Educação Física escolar não está sendo desenvolvida desta forma significativa com grande abordagem dos conteúdos. Estes estão resumidos à prática desportiva, principalmente aos esportes coletivos como voleibol, basquetebol, handebol e futebol, limitando a produção de conhecimento corporal e cultural do aluno. Esta tendência de desenvolvimento de modalidades desportivas coletivas no âmbito escolar, como única forma de entendimento da Educação Física, pode gerar uma caracterização das aulas de Educação Física como treinamento desportivo”.

Concordando com Fensterseifer & González (2010), entende-se que a Educação Física deve (deveria) ocupar-se dos seguintes conteúdos referidos: às possibilidades do se humano de “se - movimentar”; às práticas corporais sistematizadas no campo da promoção da saúde e do lazer; e às representações sociais que atravessam esse universo. Esses mesmos autores falam que essas três dimensões, “se bem vinculadas, são constituídas de tipos diferentes de conhecimentos, o que tem dificultado encontrar/construir uma expressão conceitualmente precisa para denominá-las apesar dos diversos intentos”⁸.

Vários termos são agregados à prática e aos conteúdos, quando diz respeito ao que se ensina na Educação Física. Entre as várias denominações utilizadas por essa área, para referir-se ao seu conjunto de conteúdos, tem despontado nos últimos anos a expressão *práticas corporais*. Esse termo vem aparecendo na maioria dos textos como uma “expressão que indica diferentes formas de atividade corporal ou de manifestações culturais, tais como: atividades motoras, de lazer, ginástica, esportes, artes, recreação,

⁸ Aqui, os autores estão se referindo às diversas nomenclaturas que se dão, se conceituam o conhecimento na área da Educação Física. Tomo como exemplo as citações usadas pelos mesmos autores: Cultura física (PEREIRA, 1988; BETTI, 1992); Cultura corporal (COLETIVO DE AUTORES*, 1992; BRACHT, 1992); Cultura de movimento (KUNZ, 1991; BRACHT, 1992); Cultura corporal de movimento (BETTI, 1994, 1996). * Carmem Lúcia Soares, Celi Nelza Zülke Taffarel, Elizabeth Varjal, Lino Castellani Filho, Micheli Ortega Escobar e Valter Bracht.

exercícios, dietas, cirurgias cosméticas, dança, jogos, lutas, capoeira e circo” (FILHO & SILVA, 2010, p. 24). Esses autores ainda nos trazem que os movimentos ou atividades vão desde as mais tradicionais (práticas adestradoras, precisas e sistematizadas de marcante caráter racional, higiênico; competitivas; práticas corporais mais remotas), até as ressignificadas, indicando ou não uma relação com a Educação Física (práticas corporais diárias; cotidianas; humanas; na maternidade; de diferentes culturas, ocidentais e orientais).

Cabe aqui trazer Bracht (2004) que nos diz que "as manifestações da cultura corporal de movimento significam (no sentido de conferir significado) historicamente a corporeidade e a movimentalidade” – que seriam expressões que trazem historicamente os modos de viver, de experienciar, de compreender o corpo e o movimento e as nossas relações com o contexto – o autor fala que “nós construímos, conformamos, confirmamos e reformamos sentidos e significados nas práticas corporais”.

Dessa forma, chamo atenção ao questionamento sobre o trabalho restrito apenas aos conteúdos esportivizados. Para Daolio (1995), “poucas investigações em Educação Física, olham para os professores como agentes sociais e para sua prática como determinada culturalmente”. Esse mesmo autor, afirma que a Educação Física deveria seguir os mesmos moldes das outras disciplinas. Ou seja, “partir do conhecimento corporal popular e das suas variadas formas de expressão cultural, almejando que o/a aluno/a adquira um conhecimento organizado, crítico e autônomo a respeito da chamada cultura corporal de movimento” (DAOLIO, 1997, p.91).

Os Referenciais Curriculares trazem muito bem a distribuição dos conteúdos, de maneira que não contemplem apenas esportes. Os autores nos dizem que não dá, por exemplo, para afirmar em um plano de estudo que a Educação Física “busca fazer os alunos conhecerem e apreciarem a pluralidade das práticas corporais sistematizadas, compreendendo suas características e a diversidade de significados a elas atribuídos, se 90% das aulas da 5ª série do ensino fundamental ao 3º ano do ensino médio são dedicados à prática de dois ou três esportes”.

Assim, expõe-se a incompatibilidade entre o objetivo de ensino traçado em relação às práticas corporais e o tempo previsto para aprender o que foi formulado, “já que aí nesse exemplo nem mesmo a diversidade interna ao próprio mundo esportivo poderia ser contemplada”.

Através da atividade, do movimento, da expressão, a aula de Educação Física, também pode ser um momento de pensar o corpo, a forma pela qual o educamos, a determinação dos procedimentos no que se refere ao cuidado com esse. Nossos corpos também são educados por toda a realidade que os circunda, por todas as coisas com as quais convivem, pelas relações que se estabelecem em espaços definidos e delimitados por atos de conhecimento (SOARES, 2001). Quando fala em *educação do corpo* essa autora nos aponta que “percorre caminhos múltiplos e elabora práticas contraditórias, ambíguas e tensas” (idem, 2003). Somos educados/as pela comida que comemos, pelas roupas que “devemos” vestir, pela nossa forma convencionada de usar “as boas maneiras” no tratamento com os/as outros/as. Somos educados/as também, pela arte, por artefatos culturais, conversas, através das aulas, etc. Isso nos interpela e pode (re) produzir em nós representações e significados. Porque na mesma cultura, a educação *do, no e para* o corpo, sofre transformações dependendo da época e do território em que são produzidas e postas em funcionamento, sendo essas representações corporais afirmadas, alteradas, silenciadas ou mesmo, negadas.

Educar o corpo é também, falar de um corpo que sente e tem emoções, sensações, desejos, prazer e dor. Ter, desenvolver e construir um corpo mais expressivo, que vá ao encontro de um sentido mais amplo e significativo do que para que/quem trabalhamos nas nossas aulas.

Educar o corpo não é apenas construir variadas pedagogias destinadas a ele, a partir da influência dos conhecimentos e do momento histórico, mas é também, como diz Soares (1998, 2001, 2006), a presença da negação de certas formas de movimento e culturas corporais e conseqüentemente, a imposição de outras, restringindo de maneira bruta, as experiências dos indivíduos. O que queremos dizer com as propostas aqui percorridas é que para trabalharmos com a educação do corpo não podemos ter a ideia de que o corpo é apenas um receptáculo e que a Educação Física trabalha limitada aos esportes, e sim, (re) pensarmos caminhos a serem percorridos pelo corpo, através da história; as maneiras de como ele foi/é tratado/manipulado; como podemos trabalhar agregados a outras áreas do conhecimento e a relação com a produção da subjetividade e formação cultural.

Assim, *educar o corpo* não é seguir um padrão de “normalidade”⁹ dada, pronta, criada e elaborada pela mesma sociedade que exige a “perfeição”. E sim, buscar propostas que não vão ao encontro apenas de padrões esportivos e de regras prontas. Sugiro, através desse, incluir jogos expressivos, com base na improvisação e na dramatização teatral, trabalhar a expressão, os gestos, e também diálogos durante as aulas, de uma forma interligada aos conteúdos da Educação Física, para assim, não nos reduzirmos apenas aos conteúdos esportivizados, padronizados, a fim de sugerir mais um caminho, entre tantos outros, para a construção do conhecimento e desenvolvimento da educação do corpo e a ampliação das práticas corporais dos/as alunos/as.

“2º ATO”: TEATRO, JOGO E CORPO – O corpo que joga e cria...

Não nos cabe aqui entrar num aspecto técnico ou histórico do Teatro e sim, refletirmos de um ponto de vista improvisacional e educativo para podermos trazer o teatro junto às aulas de Educação Física. Utilizo como ponto de partida uma proposta já existente (dramatização através de jogos) e assim, apoiada nela, construir novas ferramentas (jogo expressivo) para dialogar com a Educação Física Escolar. Gostaria de deixar claro minha vontade de trazer o trabalho criativo, espontâneo, cultural e expressivo que o teatro tem/trabalha para o desenvolvimento e trabalho de alguns conteúdos na Educação Física Escolar. Pupo¹⁰ (2006) acena com uma reflexão pertinente no que tange a proposta de teatro em diferentes instâncias educativas e sociais: fala que “somos convidados a beber na fonte dos princípios mais caros ao teatro contemporâneo” (p.12). A autora se refere a duas fronteiras estanques entre a *educação*

⁹ Segundo Amaral e Coelho (2003) a normalidade, dada a existência de um “sistema de representações que oferece sentido e ordenação ao mundo perceptível é o que se chama de **cultura**, ou seja, é aquilo que assegura a existência de um grupo humano como tal. Tudo o que foge à ordenação da cultura, tudo o que representa o insólito, o estranho, o anormal, tudo que é intersticial e ambíguo, tudo o que é anômalo, tudo o que é desestruturado, pré-estruturado e antiestruturado, tudo o que está a meio caminho entre o que é próximo e previsível e o que está longínquo e fora de nossas preocupações, tudo o que está simultaneamente em nossa proximidade imediata e fora de nosso controle é germe de inquietação e terror: converte-se imediatamente em fonte de perigo. E o perigo é claro: negando a ordenação do mundo estabelecida pelo grupo, nega-se a experiência do próprio grupo”.

¹⁰ Maria Lúcia de Souza Barros Pupo, em “Abraçar e ser abraçado”, introdução/prólogo do livro *Pedagogias do Teatro: provocação e dialogismos*, de Flávio Desgranges. São Paulo: Hucitec: Edições Mandacaru, 2006.

e a ação sociocultural por um lado, e a criação artística de outro. Como uma não se desprende de outra, apenas vamos dar mais ênfase à primeira, pois é a que nos dá um olhar mais no sentido de como pensamos o teatro quanto ferramenta de trabalho e reflexão corporal.

Ryngaert (2009) também chama a atenção sobre o trabalho feito por não-atores/atrizes. Fala que quaisquer que sejam os “métodos” ou “sistemas” referidos, dificilmente se escapam de considerar a psicologia da pessoa e de suas características físicas. Deve-se atentar aqui, para não usar as silhuetas ou arquétipos que já vem reproduzidos e sim, aproveitar para trabalhar dando ênfase à construção coletiva do que ao trabalho de construção individual. No trabalho com crianças e adolescentes ele cita que ocultou quase totalmente o jogo dramático¹¹ e concentrou esforços sobre a construção de jogos expressivos e enredos sobre formas narrativas que não desenvolvessem “além das medidas o personagem individualizado, para que não fosse encorajada uma identificação precoce com modelos adultos.” (...) Não fazer esboços de representações prontas e sim, pensar o que sou, o que quero dizer e como posso ser visto dentro de uma proposta de elaboração e construção coletiva.

Desse modo, também através do teatro há um *educar* sobre e com o *corpo*, pois de acordo com a teoria clássica do teatro dramático, “a finalidade desse, consiste também, na apresentação das ações humanas, em acompanhar a evolução de uma crise, a emergência, a resolução de conflitos” (MAGALDI, 1997). Para Guénoun (2004), o teatro só se tornará necessário se compreendermos como ele se apodera de nós atualmente. Adler (2002) nos diz que no teatro, o interesse surge quando há uma opinião e se essa está envolta de uma realidade.

O corpo, no teatro, também nos representa e fala à sociedade. Com isso, o teatro tem um alcance significativo entre os/as alunos/as (que o fazem) e perante o público (aluno/a) que o assiste. A relação dos indivíduos com os outros, trazida através do jogo expressivo proposto aqui, está, maiormente influenciada pela sociedade e vice-versa. “A Antropologia revela a conexão precisa, quanto às origens, entre a sociedade e o teatro (...). O teatro é um fenômeno social” (COURTNEY, 2006). Remeto-me a um pequeno comentário sobre isso: por

¹¹ A definição de *Jogo Dramático*, “se constitui em uma construção, elaborada com base em nossas experiências, ainda que amplamente calcada em bibliografia fundamental sobre o assunto” (DESGRANGES, 2006, p. 92).

exemplo, dependendo da tribo, da cultura, da sociedade em que se vive, são “dados” papéis¹² iguais, diferentes e até mesmo contraditórios¹³ para homens e mulheres, colocando em questão, assuntos importantes a serem abordados, tais como gênero, raça, etnia, classe social, idade, etc. Vale salientar então, que não somente num palco, mas também em meio às aulas, pode-se utilizar esse momento para discutir/questionar a existência de alguns determinados papéis para determinados/as alunos/as.

Também podemos observar o critério pedagógico e cultural no qual, o teatro através dos jogos expressivos, poderá trazer às nossas aulas. Não só através de gestos¹⁴, mas de linguagem, de rituais e de todos os significados que atribuem a determinadas identidades em determinadas culturas. O quanto podemos auxiliar nossos/as alunos/as a (re) construir e “conhecer sua posição frente à natureza e ao resto dos homens, através de um sistemas de valores”¹⁵ (LE BRETON, 2002). Assim, podemos dizer que no teatro e no contexto escolar há, possivelmente, a afirmação dos discursos, acerca da produção e da *educação do corpo* e da estética e também das representações que o corpo produz, pois uma vez que não existem práticas, nem discursos neutros, não há como negar a existência dessas representações. Assim, trazer outras formas de questionar, através dos conteúdos, as nossas “reproduções”.

Pensar então, acerca do que alguns/mas autores/as nos falam, cito aqui, Ryngaert (2009 p. 34), que nos instiga a pensar sobre o quanto o “jogo” pode nos ajudar a representar e a refletir sobre determinadas simbologias/práticas que criamos e carregamos, reproduzindo então, em nosso corpo. Segundo esse autor, “concentrando nossas preocupações no jogo e na capacidade de jogo dos participantes, ele nos interessa ao mesmo tempo como experiência sensível, experiência artística e relação com o mundo”. Saliento, mais uma vez, o que a palavra “jogo” representa para nós, nesse artigo. Em francês, por exemplo, a palavra *jeu* tem inúmeras acepções. Em teatro, ela pode ser explicada à arte do ator, (o que se traduz em português por atuação,

¹² Nesse momento, falo em papéis, me referindo à personagem, a papel representado pela atriz/ator.

¹³ Alguns são contraditórios, pois em determinadas comunidades, é papel da mulher ser o membro líder de certas ações ou mesmo são distribuídos papéis ditos inversos a homens e mulheres; Ou podemos pensar também no sentido de papéis dados em função da raça, etnia, geração, etc.

¹⁴ Gesto, segundo “Dicionário de Teatro” é um movimento exterior do corpo e do rosto, uma das primeiras expressões do sentimento dadas ao homem, pela natureza. A natureza expressiva do gesto o tom, particularmente, apropriado a servir à interpretação do ator/atriz, o/a qual não tem outros meios senão os do seu corpo para expressar seus estados anímicos (VASCONCELLOS, 1987).

¹⁵ Tradução livre.

interpretação) à própria atividade teatral, a certas práticas educacionais coletivas (VASCONCELLOS, 1987). Também Courtney (2006) contribui conceituando alguns tipos de jogos. Conceitua teatro como sendo o representar perante uma platéia; jogo como a atividade a que nos dedicamos simplesmente porque a desfrutamos; jogo dramático como o jogo que contém personificação e/ou identificação; jogo de regra como a formalização do jogo em modelos com regras. Já o jogo expressivo, que me refiro em alguns momentos, é o que proponho. É o jogo com uma intenção expressiva, um gesto com expressão, com algum sentido para aquela pessoa que o faz. Seria o que chamamos de “expressão corporal” na Educação Física, porém, opto por uma nomenclatura diferente para não parecer reduzida apenas ao corpo e sim, também ao seu entorno.

Assim, trazer esse teatro improvisacional, através do jogo expressivo e da dramatização criada, construída em aula, amplia a possibilidade de desenvolvimento da criatividade, da criação de novos e diversos movimentos, bem como a reflexão sobre determinados conflitos que venham surgir no decorrer de um exercício espontâneo.

O jogo não anula a capacidade de conflito. Falo aqui de um jogo expressivo, como se a aptidão principal de um jogador consistisse em tentar experiências, expressões que tenham a ver com a realidade, mas sem se fundirem a ela. O jogo desenvolve no/a aluno/a uma espécie de flexibilidade de reações, pelas diminuições das defesas e possivelmente pela multiplicação das relações entre o “fora e o dentro”. Como nos diz Ryngaert (2009), o jogo, no teatro, *é um recurso contra condutas rotineiras, ideias preconcebidas, respostas prontas para situações novas ou medos antigos*¹⁶. Além disso, o jogo seria uma forma de abertura e de capacidade de se comunicar. De rever e reavaliar alguns conceitos e padrões que já temos como estabelecidos e da aplicação sistemática de estruturas preexistentes. Tendo em vista ainda que há as “coisas ditas” que são radicalmente amarradas às dinâmicas de poder e saber de seu tempo, o que é dito e reafirmado terá uma repercussão na sociedade, conseqüentemente na escola. Pois todo discurso passa a ser uma verdade, já que por repetição, interpela a sociedade que se apropria dessa verdade e a reproduz. Assim, discursos sobre a educação do corpo e

¹⁶ Grifo da autora.

sobre padrões ideais para a prática de determinados esportes/modalidades se não postas à discussão, se constituem na cultura.

Incluir o teatro, através do jogo expressivo, como mais um suporte pedagógico para a educação do corpo nas aulas de Educação Física, parece-me bem coerente. Pupo (2005) nos diz que “caminhamos hoje em direção a uma Pedagogia do Teatro, ou seja, estamos envolvidos em um esforço de reflexão sobre as finalidades e as condições da ação educativa (...), junto a pessoas de diferentes idades e condições sociais”. Courtney (2006) fala que cada sociedade possui padrões dramáticos inerentes e esses são passados de geração a geração. “Uma educação vital, utiliza esses padrões”. Fala-nos também que muitos dos esportes modernos estejam vinculados aos jogos rituais, utilizando bola, por exemplo.

Dessa forma, a cada jogo expressivo, a cada conflito, a cada desafio que o/a professor/a de Educação Física pode lançar aos/às seus/suas alunos/as, uma nova compreensão se faz de determinada realidade, pois se educa e se é educado/a em cada aula, em cada conflito/jogo/reflexão. É por essa razão que trabalhar teatro, fazendo parte de um processo problematizador, integrando o/a aluno/a dentro da sociedade, sem prejuízo do senso crítico, e iniciando/continuando um processo de participação efetiva nas discussões que permeiam o universo escolar, fará diferença.

“3º ATO”: JOGO EXPRESSIVO COMO APROXIMAÇÃO ENTRE A EDUCAÇÃO FÍSICA E O TEATRO - **Enfim, o jogo vai começar...**

“O jogo é um espaço de criação ou, dito de outro modo, de arte” (Joana Lopes,2006) .

Tomando como base tudo o que trouxemos até aqui, no que diz respeito à educação do corpo; e assim, concentrando-nos na ideia de que trabalhar jogos expressivos nas aulas de Educação Física pode vir a contribuir de alguma forma para a educação dos corpos de nossos/as alunos/as, começo então, a dialogar, elaborar uma breve sugestão de como e quando esses jogos podem ser desenvolvidos juntamente aos conteúdos, nas aulas de Educação Física Escolar.

Nesse sentido, trago elementos cênicos para que possamos juntamente aos/às alunos/as, trabalhar teatro nas aulas, e construo, aponto alguns **encontros** entre o Teatro e a Educação Física, a fim de possibilitar mais uma ferramenta didático-pedagógica para trabalhar alguns conteúdos, objetivando educar os/as alunos/as de uma forma mais crítica e construtiva, através do jogo expressivo.

Discuto isso, utilizando como suporte o Referencial Curricular, especificamente duas partes do mapa das competências e conteúdos, denominados “Práticas corporais expressivas”, tendo a dança e a expressão corporal como saberes corporais a serem trabalhados (pg146) e “Práticas corporais sistematizadas e saúde”, onde os autores trazem corpo e sociedade como conteúdo a ser desenvolvido/conversado nas aulas de Educação Física (pg157).

Portanto, deter-me-ei em propor os jogos expressivos, por exemplo, nesses dois momentos. Assim, ao analisarmos primeiramente a parte do Referencial Curricular, quando fala dos “saberes corporais”, elencados através da **dança como saber praticar**, em relação a sua *competência* fala-se: “praticar danças contemporâneas com potencial para o envolvimento em manifestações rítmicas de lazer” e como seu *conteúdo* lê-se: “estrutura rítmica, passos e coreografias elementares das danças escolhidas para saber praticar”. Nesse sentido, ao lado temos a **dança para conhecer**, também com sua *competência* e *conteúdo* “conhecer características das danças cênicas” e “princípios coreográficos e movimentos elementares da dança cênica escolhida para conhecer”, respectivamente. No entanto, e aqui chamo à atenção, na sequência temos a **expressão corporal**, porém, sem *competência* e *conteúdo*. Sugerimos então, ter como uma *competência*: “construir e discutir frente a cenas elaboradas de forma improvisada, e, posteriormente, interpretar e discutir frente ao que foi elaborado” e como *conteúdo* poderíamos ter aqui “jogos expressivos, construção de cenas como manifestação cultural; transformação/reelaboração de papéis e de representações sociais previamente e historicamente construídas; sistematização de ações físicas com o intuito de elaborar partituras de movimentos;”

Nessa primeira sugestão, poderíamos ilustrar a aula a ser desenvolvida, como por exemplo, temos o conteúdo, nesse caso, a expressão corporal, a ser construída de forma coletiva, expressando através do corpo, do movimento, dos gestos, até a elaboração de

uma sequência de movimentos (dança), que fará sentido sobre algum tema que irão posteriormente discutir. Fica então, encenada, caracterizada uma movimentação que não será apenas trabalhada através do movimento, mas que depois poderá ser feita uma discussão acerca do que foi representado/dançado/expressado.

Ao trabalharmos a dança, nesse caso, para uma turma mista de ensino médio, podemos solicitar que os/as alunos/as criem movimentos, expressões (e porque não, falas), individualmente, em duplas, em grupos pequenos e grandes, a fim de desenvolver a parte expressivo-criativo-social através de pequenos jogos teatrais, com proposta de criação de pequenas cenas por parte dos/as alunos/as. Seguindo essa ideia, a elaboração de cenas e o processo de criação dessas, fará com que os/as alunos/as discutam, questionem, reflitam sobre vários aspectos/conteúdos que também são temas transversais que poderão surgir em meio às suas elaborações. Isso poderá fazer com que eles/as não somente trabalhem seus corpos através do movimento pelo movimento e sim, eduquem-se ao tencionar/discutir questões relacionadas ao corpo e a tudo que o cerca.

Nem precisaríamos entrar em outros conteúdos para argumentar que os jogos expressivos podem auxiliar no desenvolvimento dos conteúdos nas aulas de Educação Física, porém, acredito que em vários outros momentos no próprio Referencial Curricular, isso fica evidente. Outro exemplo, no segundo item que citei a cima “práticas corporais sistematizadas e saúde”, onde há o trabalho relacionado ao corpo e à sociedade; há em uma das *competências*, como os autores nos trazem, “identificar e interpretar as produções sobre o corpo socialmente aceitas” e como *conteúdo* “os lugares do corpo: noções de desempenho e padrões de beleza em grupos sociais próximos e distantes do lugar onde se vive; e as marcas corporais produzidas e aceitas socialmente (bronzamento, tatuagens, *piercings*)”. Aqui, penso que o teatro e a dramatização, nesse caso sugeridos através de jogos expressivos, podem ser um elemento interessante para a discussão de e sobre corpo na aula de Educação Física. Nesse conteúdo os autores trazem como sendo trabalhado no primeiro ano do ensino médio. Assim, pode-se, tencionar assuntos relacionados ao futebol (por que, constituiu-se como uma hegemonia?), pode-se falar e discutir sobre padrões de beleza/estética e

como isso é aceito e trabalhado na escola onde estudam; conversar sobre representações corporais, a busca pelo corpo perfeito, etc.

Verificamos que em vários anos do ensino fundamental e médio, e em momentos/conteúdos diferentes, podemos trazer o trabalho expressivo, o teatro através de jogos, como ferramenta para o desenvolvimento de conteúdos e para um educar o corpo no sentido que viemos dialogando.

O jogo (ludus) é uma forma privilegiada da educação do corpo expressivo (LOPES, 2006). Assim, nossa proposta aqui é um educar o corpo, mas com o foco no discutir, refletir, tencionar vários aspectos que perpassam não apenas movimentos e técnicas corporais, mas também questões que envolvem diretamente os/as educandos/as no seu dia-a-dia, que deveríamos trabalhar de forma mais atenta e expressiva na Educação Física Escolar.

Chamamos então, para um pensar esse corpo, não com foco no disciplinamento, mas no seu trabalho e no seu educar como construção de conhecimento. Atentar àquilo que somos/temos, e ter nosso corpo como algo descontínuo, que possa ter dúvidas e rupturas. Atentamos também a um olhar multidisciplinar dentro do ambiente escolar, trazendo novas maneiras de trabalhar os conteúdos, ampliando o leque de possibilidades pedagógicas em prol de uma maior construção coletiva, consolidando assim, uma das funções maiores da educação, a função social, de resgatar os/as alunos/as às discussões e contribuições à escola e à comunidade na qual faz/fazemos parte.

Assim, estamos apenas instigando através da proposta de novas possibilidades didáticas, a construção de novos/diferentes conhecimentos corporais e culturais. Além disso, os/as alunos/as não partirão de um conhecimento/conteúdo desconhecido, mas sim, de um saber cultural já internalizado concretamente com possibilidades de ampliação. Pois trabalhar o corpo, através do teatro, trazido/sugerido aqui através dos jogos expressivos, na elaboração de pequenas cenas, poderá nos trazer várias possibilidades para desenvolvimento corporal e cultural dentro da escola. Aprender/ensinar a “ler” e “ouvir” o próprio corpo também pode ser uma das nossas funções quanto professores/as. Motivar alunos/as à criação, elaboração, discussão, possibilitando assim, a reflexão sobre o corpo, seus movimentos e suas representações. Fica então, como breve conclusão, mais uma ferramenta pedagógica para aproximação

entre o Teatro e a Educação Física, com o intuito de despertar aos/às leitores/as a reflexão acerca de outras possibilidades, a fim de construirmos cada vez mais, diferentes formas de trabalhar os conteúdos em prol do desenvolvimento e da ampliação das práticas corporais de nossos/as alunos/as.

REFERÊNCIAS

ADLER, Stella. **Técnica da representação teatral**. Tradução: Marcelo Mello. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2002.

AMARAL, Rita & COELHO, Antonio Carlos. Nem santos nem demônios – considerações sobre a imagem social e a auto-imagem das pessoas ditas "deficientes". **Revista Digital de Antropologia Urbana** ::::: ISSN: 1806-0528 Ano 1, vol. 1, n^o. 0, outubro de 2003.

ANDRÉ, C. M. O Teatro pós-dramático na escola. Tese de doutoramento, 2007. Encontrado na página [http:// www.teses.usp.br/teses/disponiveis/48](http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/48).

ARAÚJO, Paulo Ferreira & GUERIERO, Djane Aparecida. **Revista Digital - Buenos Aires - Año 10 - N° 78 - Noviembre de 2004**. <http://www.efdeportes.com/>

BRACHT, Valter. **Cultura corporal, cultura de movimento ou cultura corporal de movimento?** Recife. Fevereiro, 2004 (mimeo).

COURTNEY, Richard. **Jogo, Teatro e Pensamento: as bases intelectuais do Teatro na Educação**. São Paulo: Perspectiva S.A., 2006.

CUCHE, Denys. **A noção de cultura nas ciências sociais**. Tradução: Viviane Ribeiro. Bauru: UDUSC, 1999.

DAOLIO, Jocimar. **Da cultura do corpo**. Campinas: Papirus, 1995.

_____. **Cultura: Educação Física e futebol**. Campinas: Editora da UNICAMP, 1997.

_____. A Antropologia Social e a Educação Física: possibilidades de encontro. In **Educação Física e Ciências Humanas**. CARVALHO, Yara Maria de ; RÚBIO, Kátia (orgs). São Paulo: Hucitec, 2001.

FENSTERSEIFER, Paulo Evaldo & GONZÁLEZ, Fernando Jaime. Entre o “não mais” e o “ainda não”: Pensando saídas do não lugar da EF Escolar II. In REVISTA BRASILEIRA DE CIÊNCIAS DO ESPORTE, **Cadernos de Formação**. Universidade Federal de Goiás; Faculdade de Educação Física. Goiânia, n. 2, março de 2010.

FILHO, Ari Lazzarotti; SILVA, Ana Maria (et all). O termo práticas corporais na literatura científica brasileira e sua repercussão no campo da Educação Física. In **REVISTA MOVIMENTO**. v. 16, n. 01, p.65, 2010.

GOELLNER, Silvana Vilodre. A produção cultural do corpo. Louro, in Guacira Lopes; Neckel, Felipe Jane; (orgs.). **Corpo, gênero e sexualidade: Um debate contemporâneo na educação**. Petrópolis, RJ: Ed. Vozes, 2003.

GUENON, D. **O Teatro é necessário?** São Paulo: Perspectiva, 2004.

LE BRETON, David. **Antropología del cuerpo y modernidad**. Buenos Aires: Nueva Visión, 2002.

LOPES, Joana. **Pega teatro**. Campinas: Papyrus, 2006.

MAGALDI, S. Panorama do Teatro Brasileiro. São Paulo: Global, 1997.

MEYER, Dagmar Estermann. As mamas como constituintes da maternidade: uma história do passado? In **Educação & Realidade**. Porto Alegre: UFRGS/FACED. 1975 n. 2, jul-dez, v. 25, 2000.

PUPO, Maria Lúcia de Souza Barros. Entre o Mediterrâneo e o Atlântico: uma aventura teatral. São Paulo: Perspectiva, 2006.

REFERENCIAL CURRICULAR. **Lições do Rio Grande: Linguagens e suas Tecnologias Artes e Educação Física**. Volume II.

RYNGAERT, Jean-Pierre. **Jogar, representar: práticas dramáticas e formação**. Tradução: Cássia Raquel da Silveira. São Paulo: Cosac Naify, 2009.

SANTAELLA, Lucia. **Corpo e comunicação: Sintoma da cultura**. São Paulo: Paulus, 2004.

SOARES, Carmem Lúcia. **Imagens da Educação no Corpo: estudos a partir da ginástica francesa no século XIX**. Campinas, SP: Autores Associados, 1998.

_____. (org). **Corpo e história**. Campinas: Autores Associados, 2001.

_____. Imagens da retidão: A ginástica e a Educação do Corpo. In **Educação Física e Ciências Humanas**. CARVALHO, Yara Maria de ; RÚBIO, Kátia (orgs). São Paulo: Hucitec, 2001.

_____. Pedagogias do Corpo. In **LABRYS- Revista de Estudos Feministas**. N. 4, agosto/dezembro de 2003.

_____. Pedagogias do corpo: Higiene, ginásticas, esporte. In **Figuras de Foucault**. VEIGANETO, Alfredo & RAGO, Margareth (orgs). Belo Horizonte: Autêntica, 2006.

SOUZA, Nádia Geisa Silveira de. Representações de corpo-identidade em Histórias de vida in **Educação & Realidade**. Porto Alegre: UFRGS/FACED. 1975, n. 2, jul-dez, v. 25. 2000.

VASCONCELLOS, H. **Dicionário de teatro**. Porto Alegre: L & PM, 1987.